**GT 3 - Ciência colaborativa e a perspectiva do fazer científico contemporâneo**

* A interdisciplinaridade como necessidade renovada perante a complexidade humana

**A INTERDISCIPLINARIDADE COMO SAÍDA PARA OS DESAFIOS EMERGENTES**

**Samara Sousa Diniz Soares[[1]](#footnote-1)**

**Márcia Stengel[[2]](#footnote-2)**

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade; Contemporaneidade; Virtualidade: Subjetividade.

*“A tecnologia não apenas penetra nos eventos, mas se tornou um evento que não deixa nada intocado” (ARONOWITZ, 1995, p. 22)[[3]](#footnote-3).*

Os dias atuais, com toda sua complexidade e particularidade, têm suscitado muitos questionamentos e convocado cientistas de todas as áreas a se debruçarem sobre eles para melhor compreendê-los. Mudanças e possibilidades que, para serem entendidas em sua essência, precisam ser elevadas ao patamar de construções sociais historicamente demarcadas, que, ao se efetivarem, proporcionaram a realidade social e subjetiva hodierna.

Kumar (2006) aponta que a história humana é classicamente dividida em três tempos: Antigo, Medieval e Moderno e, como a própria ordem da colocação já insinua, a Modernidade é uma invenção da Idade Média cristã, que utilizou este termo para se referir àquilo que é recente em franca oposição com o antigo mundo pagão. Imersa em trevas, a Antiguidade fora suplantada pela luz com a manifestação de Deus entre os homens por meio de Jesus Cristo, seu filho. Do paganismo Antigo ao teocentrismo Medieval, a Modernidade surgiu na Europa do século XVII mediante a adoção do antropocentrismo como forma explicativa para a vida. O homem com sua racionalidade passaria então a esclarecê-la por meio do conhecimento científico industrial.

A Modernidade trouxe em seu bojo significados de revolução constante e fascínio pelo novo, remetendo, assim, ao futurístico e ao inventivo. Baseada no tripé progresso, razão e felicidade (terrena), esta época se transformou em solo fértil para o surgimento do capitalismo como sistema econômico hegemônico, ocasionando profundas modificações, inclusive, na esfera profissional. Se na Idade Média o trabalho era coletivo, familiar e produto, na Modernidade ele é realizado de forma individualizada e comercializada, adquirindo, dessa forma, status de mercadoria, uma vez que é vendido aos donos do capital.

O surgimento do individualismo ou processo de interiorização e privatização emergente na Modernidade nasceu influenciado pelos ideais da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade), que eram intimamente ligados à ideia de democracia, lógica alternativa à monarquia, autoritarismo e hereditariedade pregados na Idade Média. Como corolário da individualização, houve a divisão de público e privado, dicotomia inexistente na Idade Média, uma vez que vigorava a ideia do coletivo. Nesse contexto de crescente valorização da ciência, especialmente a positivista como medida suprema para a felicidade humana, e seu constante e rápido desenvolvimento, sobretudo no final do século passado e de forma mais intensa no início deste com o advento da internet, estudiosos têm levantado a questão se a Modernidade já foi superada ou se encontra em processo de exacerbação de seus ideais e características.

Por se tratar da “única era que já inicia refletindo sobre si mesma” (NOBRE, 2010, p. 30) não existe consenso em relação à nomenclatura utilizada para se referir aos tempos atuais. Alguns autores denominam esta época como um tempo marcado pela exacerbação das características próprias da Modernidade. Este é o caso daqueles que defendem a ideia de hipermodernidade, como Gilles Lipovetsky (2004), para quem a pós-modernidade nunca existiu, ou de modernidade tardia, como Stuart Hall (2005) prefere designar. Outros, ao contrário, consideram-na como o rompimento com a Modernidade. Nesta lógica aparecem expoentes como Zygmunt Bauman (1998), David Harvey (2008), Krishian Kumar (2006) e Jean-François Lyotard (2008), pioneiro no emprego da expressão “condição pós-moderna”. De forma análoga à divergência que paira entre os estudiosos sobre o nome dado aos dias atuais não existe também entre eles consenso quanto ao seu início, embora muitos apontem como contexto motivacional os movimentos sociais no início da década de 1960, ou seja, segunda metade do século XX.

Marcada pela obscuridade e pela fragmentação própria de um século cujo dorso está quebrado (AGAMBEM, 2009), mas também pela tentativa de encontrar a luz do presente e suturar sua falha, a atualidade se mostra como um tempo particularmente complexo para quem pretende estudá-la e entendê-la. Ciente de tais paradoxos, dificuldades e divergências próprias dos tempos atuais, Agambem (2009) recomenda uma postura diferenciada para aqueles que desejam compreender os dias atuais em sua complexidade e particularidade. Ao defender a ideia de que ser contemporâneo é estabelecer com seu tempo uma relação singular e ambígua marcada pela aproximação e pelo afastamento, bem como pelo sincronismo e anacronismo simultâneos, o autor afirma:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo (AGAMBEM, 2009, p. 58-59).

Para ser contemporâneo, nesta perspectiva, é necessário, portanto, se deslocar ou se afastar de sua época e, nesse sentido, ser inatual para poder pensar nela. Quando dois rostos estão muito próximos, por exemplo, fica impossível decifrar suas feições. Entretanto, o anacronismo e o distanciamento não devem ser permanentes, pois assim como a proximidade exacerbada impossibilita a visão, o afastamento também. É, pois, imprescindível aderir e se distanciar do momento atual para entendê-lo. Para ser contemporâneo é necessário, portanto, assumir uma postura paradoxal: se aproximar e simultaneamente se afastar da obscuridade do presente para ver sua luz, ser capaz de entender sua fragmentação para poder suturar sua falha, superar a descontinuidade do tempo para poder compreender a concomitância do presente e do passado, da atualidade e da inatualidade, do atrasado e do adiantado, do dentro e do fora, e assim ser capaz de perceber a constante reatualização do inatual. Para ser contemporâneo do contemporâneo, é necessário olhar para frente e para trás rememorando o passado para medir o presente e conjeturar sobre o futuro.

Isso significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está a altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (AGAMBEM, 2009, p. 72, grifo do autor).

Desta forma, para além das nomenclaturas atribuídas à atualidade e dos desafios próprios dos tempos atuais, o fato é que as mudanças experimentadas em todas as áreas da vida têm convocado as pessoas a serem contemporâneas do contemporâneo para compreendê-lo. Mas, tais alterações só poderão ser minimamente entendidas se os aspectos históricos que impactaram diretamente na organização social e subjetiva hodierna forem levados em consideração, percurso que será traçado adiante, enfocando, especificamente, as feições mais relevantes da cultura comunicacional e sua penetração (in)visível na vida cotidiana.

Longe de ser ficção científica, a virtualidade tem se mostrado cada vez mais real e presente no cotidiano atual. Os inúmeros artefatos que a acompanham possibilitam o acesso contínuo e imediato às mais variadas experiências ocasionando inevitáveis transformações que interrogam cientistas das diversas áreas. Produzir conhecimento e consequente subsídio para sustentar uma atuação consistente, responsável e adequada às mudanças psicossociais atuais e às futuras advindas do convívio contínuo com estas novas realidades tornou-se imperativo para as disciplinas, inclusive para a Psicologia.

Na busca pela ampliação do conhecimento das vicissitudes do uso constante das novas tecnologias, a pesquisa que deu origem a este artigo tem como foco os novos dispositivos tecnológicos como mediadores dos relacionamentos sociais atuais. Indagações que são intensificadas diante do fato de que o maior site de rede social atual, o Facebook, cuja missão é “dar às pessoas o poder de compartilhar informações e fazer do mundo um lugar mais aberto e conectado”[[4]](#footnote-4), utiliza-se do termo “amigo” para se referir ao usuário que possui um perfil em seu *website*. Movida por tais questionamentos, a pesquisa aqui mencionada teve como objetivo conhecer quais discursos sobre a amizade têm sido produzidos ou revelados no Facebooke quais imbricamentos estes discursos possuem com a forma atual de estabelecer, manter e romper relações de amizade (SOARES, 2018).

A articulação contemporânea entre amizade e virtualidade faz suscitar ainda a discussão a respeito do estatuto do primeiro termo, pois esta sai de uma visão preponderantemente particularizada para ser entendida em seu enfoque psicossocial. Em oposição à ideia moderna que compreendia a amizade como algo estritamente pessoal e pouco sujeita a interferências sociais (REZENDE, 2002), encara-se, neste trabalho, a amizade como um construto psicossocial na medida em que o social e o pessoal são vistos como duas facetas que coexistem, interagem e se modificam constantemente, ocasionando mudanças subjetivas, intersubjetivas e sociais. Acredita-se, portanto, em um sujeito que cria práticas amicais e que, simultaneamente, é criado por elas. A amizade, em sua proteiformidade, possui uma historicidade. Por se tratar de um construto psicossocial, ela sofreu, sofre e instiga transformações ao longo do tempo. Ao percorrer as obras dos principais pensadores e escritores sobre o tema é nítido como o contexto de cada autor não deixou de imprimir suas marcas, incidindo de forma crucial na maneira como cada um elabora e enxerga as relações amicais. Loureiro Júnior (2013), na tentativa de retratar a sensibilidade do conceito às interferências do contexto, fala de amizade dinâmica. Primo (2016, p. 62), no mesmo compasso, diz: “(...) a amizade não é uma essência própria do humano, cuja manifestação dar-se-ia de forma a-histórica, repetindo-se da mesma forma em qualquer tempo e lugar”. Tais posições demonstram que não há imutabilidade em nada que possua caráter psicossocial, pois sujeitos e sociedade se encontram em constante e retroalimentativo processo de coconstrução de si. Desta forma, estudar o ser humano em suas relações amicais se configura como mais uma possibilidade de obter compreensão de sua vida subjetiva e social, conhecimento imprescindível para aqueles cujo foco de estudo e intervenção é o próprio sujeito, como é o caso dos profissionais de Psicologia.

Tradicionalmente, a amizade tem sido alvo de estudos da Filosofia, realidade comprovada pela extensa produção sobre o tema por estudiosos da área se comparado a outras disciplinas das Ciências Humanas, como por exemplo, a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia. Agambem (2009), ao abordar a estreita relação entre o tema da amizade e a Filosofia, ratifica que a intimidade entre ambas é tão profunda que esta inclui o *philos*, o amigo, em seu nome. A escassa produção sobre o tema da amizade no campo da Psicologia leva, inevitavelmente, a questionamentos e problematizações que, no limite, remetem à tradicional formação em Psicologia tal qual uma fábrica de interiores (BAPTISTA, 2000 apud MIZOGUCHI, 2013), na medida em que há uma hipervalorização do eu singular sem levar em consideração, muitas vezes, que este eu único tão caro à Psicologia e ao próprio sujeito está intrinsecamente amarrado a um eu social que é construído coletivamente. Desapegada desta lógica de interior, mas sem desconsiderar o sujeito em sua singularidade própria, esta pesquisa visa demonstrar como as realidades subjetivas e sociais são perspectivas intimamente amarradas, não devendo ser, portanto, analisadas de forma estanque ou escalonativa, segundo uma ordem de importância. Ambas as realidades são essenciais ao sujeito psicológico que é também um sujeito social. Nesse sentido, cabe ao pesquisador social estar atento às interrogações que as mudanças sociais do tempo presente colocam a este sujeito que é psicossocial, uma vez que interrogar sobre os modos de amizade é, no limite, pensar as formas de construção de si, visto que o sujeito se estabelece no contato com o outro. Da imensidão do global à intimidade do ínfimo e vice-versa é que o sujeito é construído.

Além disso, tal discussão é necessária para dar sentido ao presente tempo que, devido às rápidas mutações, tem causado questionamentos variados e, para angústia de muitos, poucas respostas. Tal obscurantismo deve-se ao fato de que as transformações psicossociais têm ocorrido velozmente. Vive-se a experiência, mas devido à constante renovação, há pouco tempo e espaço para efetiva compreensão e elaboração. Ciente de tal realidade, Nicolaci-da-Costa (2004), psicóloga brasileira pioneira nos estudos sobre os impactos subjetivos das tecnologias de informação e comunicação – TIC, já havia afirmado há alguns anos que a utilização dos dispositivos tecnológicos tem ocasionado mudanças de posicionamentos dos sujeitos, convocando-os a se arranjar de forma mais fluida e em constante transformação. Resta agora, enquanto cientistas, buscar conhecer e compreender minimamente quais são estas transformações.

Sibilia, (2016) ao realizar uma rápida e sucinta cronologia da comunicação mediada por computador, mostra como esta se espalhou de forma mais intensa nos últimos anos do século XX, primeiramente com a criação do correio eletrônico, fruto da síntese entre o telefone e a velha correspondência, passando consecutivamente para a criação dos canais de bate-papo ou *chats,* que logo evoluíram nos sistemas de mensagens instantâneas como o MSN (*Messenger*). Paralelamente, surgiram os sites que facilitariam o compartilhamento de vídeos caseiros, uma categoria na qual se destacou o *YouTube*, como também apareceram os aplicativos móveis genéricos como o *Whatsapp* e, já nos anos iniciais do século XXI, surgem os *blogs* e os sites de redes sociais como o *Facebook* e *Twitter*, que se desenvolveram mais intensamente na segunda década do século XXI.

Desde a criação da internet na década de 1990 e sua inserção no cotidiano das pessoas a partir dos anos 2000 com a criação de inúmeras possibilidades de vivências na rede, mudanças jamais imaginadas têm acontecido em todos os âmbitos da vida do homem digital contemporâneo. A reverberação de tais acontecimentos nos modos de ser atuais denuncia ou até mesmo comprova o caráter psicossocial da subjetividade humana, visto que ela não é algo vago e imaterial, antes se constrói na interface do sujeito com o seu social. A subjetividade humana “só pode existir se for *embodied*, encarnada num corpo, mas também está sempre *embedded*, embebida numa cultura intersubjetiva" (SIBILIA, 2016, p. 26, grifos da autora). Assim, caracteriza-se ingenuidade ou até mesmo erro afirmar que os dispositivos tecnológicos são a causa e não o fruto de certas mudanças históricas, pois

Parece evidente que os artefatos técnicos são resultado de processos históricos bem complexos, que envolvem uma infinidade de fatores socioculturais, políticos e econômicos. Nesse sentido, as tecnologias são inventadas para desempenhar funções que a sociedade de algum modo solicita e para as quais carece das ferramentas adequadas (SIBILIA, 2016, p. 25).

Processos históricos complexos que impingiram na sociedade atual profundas transformações, inclusive na subjetividade humana. A saída de uma ordem social tradicional regulada por clássicas e duradouras instituições e suas respectivas regras que ofereciam ao sujeito segurança e certeza, para uma nova ordem em que o mundo tradicional é desmapeado perdendo sua clareza e precisão, concede ao sujeito contemporâneo múltiplas rotas e incertezas frente à dimensão de infinitude que a nova sociedade possui. Exposto a um grande leque de opções e escolhas, a insegurança e a angústia tornaram-se suas companheiras, incrementando o desamparo no campo social que se revela, diariamente, como uma ferida exposta e sangrenta apontando para a desarmonia nos laços sociais, ou seja, o mal-estar apontado por Freud ([1930]/1996). Dessa forma, este novo mundo oferece, paradoxalmente, tanto possibilidades quanto impossibilidades existenciais (BIRMAN, 2011).

Nesse cenário, a internet, suporte material para o desenvolvimento e potencialização de tais mudanças e não propriamente a causa delas (CASTELLS, 2003), adquire um papel fundamental. A realidade do dia a dia, que antes era vivida sob o olhar e conhecimento de um número restrito de pessoas, isto é, de forma mais privativa, passou a ser publicizada na internet, ficando disponível aos mais variados olhares e, consequentemente, sob seus julgamentos, comentários e possibilidade de reprodução via compartilhamento. Fenômeno que Lévy (1996) chama de virtualização, visto que há uma passagem das experiências que eram vividas fora do ambiente virtual para ele, potencializando-as sem, no entanto, desrealizá-las. Virtualização da vida que é entendida por Sibilia (2016) como uma passagem do íntimo para o extimo na medida em que o acervo de afetos e ações que outrora só podiam florescer no espaço privado, protegidos da intromissão alheia por meio de paredes, pudores, chaves e fechaduras, agora é vivenciado de forma pública, pois para ela, o fenômeno da extimidade “(...) consiste em expor a própria intimidade nas vitrines globais das telas interconectadas” (SIBILIA, 2016, p. 21). Paredes e pudores que resguardavam a intimidade sofreram a infiltração das ubíquas redes, que logo permitiram a circulação de um fluxo crescente de presenças virtuais e olhares reais.

Como corolário deste novo cenário, novos posicionamentos subjetivos florescem inevitavelmente. Sibilia (2016, p. 48) pontua como que, atualmente, está ocorrendo um tráfego das subjetividades *homo psychologicus*, *homo privatus* ou personalidades introdirigidas para as alterdirigidas. Sujeitos que utilizavam o instrumental analógico para a realização de todo tipo de atividade agora tem lançado mão do arsenal digital fazendo emergir “um tipo de eu mais epidérmico e flexível, que se exibe na superfície da pele e das telas”, isto é, construções de si orientadas para o olhar alheio ou exteriorizadas, não mais introspectivas nem intimistas. Se na Modernidade a subjetividade tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesma, atualmente ela se serve do autocentramento que se conjuga de maneira paradoxal com a exterioridade, assumindo uma configuração estetizante na medida em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica (BIRMAN, 2011).

Se na Modernidade a ideia de *socius* fora construída sobre o pressuposto da interioridade e o tecido da sociabilidade igualmente era construído como um processo de relações pelo qual se codifica que diferentes sujeitos dentro-de-si interagem e dialogam entre si, o socius atual não carrega em si as mesmas características. Atualmente, a exterioridade, ou o fora-de-si, não traz consigo conotação de negatividade como antigamente, pois como o autocentramento, este passou a ser valorizado socialmente e, portanto legitimado. O sujeito fora-de-si passa a ser bendito e os excessos de interiorização, o estado de ser dentro-de-si, é que passam a ser então considerados negativos para o sujeito. O alto investimento financeiro nos tratamento de depressões, síndromes do pânico e de toxicomanias, doenças psicopatológicas de sujeitos que fracassam em realizar a glorificação de si e a estetização da existência, são exemplos deste movimento (BIRMAN, 2011).

Nesse contexto, fronteiras entre público e privado ficam borradas. A ciência perde a centralidade obtida na Modernidade, pois cada pessoa, por meio de sua rede social, pode ser autor e ator de sua própria vida por meio da publicização da vida cotidiana banal de pessoas comuns. Um resgate do pequeno e do ordinário, que longe de promover ou estimular a inovação e criação, causa, muitas vezes, uma “espécie de reconforto na constatação da mediocridade própria e alheia" (SIBILIA, 2016, p. 16). Se antes, com a Web 1.0, a comunicação era realizada de forma vertical - um para todos, com a Web 2.0 (internet), a horizontalidade passa a ser possível fazendo a comunicação de todos para todos. Agora, a mídia não apenas comunica, mas constrói. Os "usuários não são apenas os orgulhosos protagonistas, mas também os principais produtores do conteúdo”, afirma Sibilia (2016), ocasionando a “peculiar combinação do velho slogan *faça você mesmo* com a nova dinâmica do *mostre-se como for*” (p. 23, grifos da autora). Dessa forma, passando pela Web 3.0 que marca a criação de gigantescas empresas da economia digital das quais o Facebook é um exemplo e pela Web 4.0 que traz consigo a intensificação da flexibilidade da experiência digital pela ubiquidade e intuitividade nos objetos do cotidiano (a internet das coisas), o que demonstra, no limite, é a afirmação de um viver digital que ocorre sob o olhar e escrutínio dos outros (PONTE, 2017) .

A realidade virtual do ciberespaço inaugura um novo *lócus* para a manifestação subjetiva através das inúmeras rotas de desdobramentos virtuais e também uma nova relação com o tempo e espaço, pois, no ambiente virtual, passado e futuro ganham contornos de presente, uma vez que podem ser acessados instantaneamente, com riqueza de detalhes textuais e imagéticos, numa quase infinita variedade de possibilidades. Como ratifica Lemos (1997) baseado no conceito de presenteísmo cunhado por Maffesoli (1984) em “*A conquista do presente”*, o funcionamento social atual está inteiramente calcado no presente, os sujeitos não investem mais no “dever ser”, mas naquilo “que é”.

As linhas divisórias entre as esferas política, econômica, social e cultural da sociedade estão apagadas. Não há uma força que controla; há, entretanto, um fluxo aleatório que perpassa todos os setores dela, aumentando assim a liberdade individual. E, em tempos de aumento de liberdade há, contudo, menor grau de segurança e, consequentemente, aumento da angústia. Soler (2004), ao problematizar a questão da angústia como marca contemporânea, comenta que antes da ciência, este sentimento/momento era vivido como angústia frente ao Outro, frente ao divino e seus representantes que encarnavam as regras e leis de forma clara e exigente de obediência, ao passo que o homem contemporâneo da ciência experimenta atualmente a angústia frente à ausência do Outro. Borradas ou até mesmo inexistentes, as regras se tornam mais fluidas, flexíveis, relativizadas, particularizadas deixando cada um por si, reféns de seus próprios desejos.

Coutinho (2009), ao problematizar a importância do Outro na constituição dos laços sociais afirma que nos dias atuais, mediante a constante mudança de figuras do Outro ou até mesmo seu declínio ou inexistência, há uma crise do simbólico, realidade que impacta diretamente na concepção de ideais que, para Freud ([1921]/1996), está na origem do laço social. Diante da inexistência de ficções compartilhadas, o sujeito contemporâneo, tendo como referência a si mesmo, aparece sozinho e errante nesta complexa tarefa de transmissão e apropriação do laço social que pressupõe a saída dos Outros parentais para os Outros do laço social. Dessa forma, frente à perda de um sentido de identidade ligada à experiência de errância subjetiva ocasionada pela pulverização das referências identificatórias oferecidas pela cultura, o tribalismo se apresenta como uma tentativa de demarcação e sustentação identitária, ainda que os critérios de pertencimento a cada uma das tribos, assim como as condições identificatórias que elas promovem sejam, muitas vezes, frágeis e descartáveis, que se engajam e desengajam incessantemente, fazendo do nomadismo, da instabilidade e da mobilidade características centrais do individualismo, base da concepção identitária contemporânea (COUTINHO, 2009).

Diante da exacerbação do individualismo contemporâneo e a preponderância da lógica hedonista marcada pela busca de prazer constante, o desamparo primordial fica cada vez mais patente, daí a criação de tantos *gadgets -* objetos de prazer para consumo rápido -, na tentativa de suprir os vazios. Atualmente, impera a lógica do prazer breve e momentâneo não somente com os objetos de consumo, mas também com os “objetos humanos” em suas relações. Bauman (2004) afirma que os relacionamentos atuais estão marcados por maior abertura a amizades, laços, convívio, comunidade, porém a atenção humana tende a se concentrar não no relacionamento, mas nas satisfações que se espera obter das relações, ou seja, os relacionamentos estão baseados na conveniência.

As relações, por si só, não têm sido consideradas plena e verdadeiramente satisfatórias. A customização da vida de forma a atender aos prazeres imediatos dos sujeitos contemporâneos se estende a todas suas esferas. Nesse contexto, a internet, principal meio de acesso do *Homo cathodicus,* ser mediado por teclas e telasà realidade virtual do ciberespaço, ocupa um papel fundamental, visto que se torna, em muitos casos, um suporte para experiências de prazer imediato, acessível e onipresente (LEITÃO e NICOLACI-DA-COSTA, 2005), culminando por reforçar, muitas vezes, comportamentos como efemeridade, hedonismo, autorreferencialismo e individualismo narcísico alienante.

Baseado no conceito de socialidade maffesoliniano, intricado a um conjunto de práticas cotidianas baseadas no hedonismo, tribalismo e presenteísmo que constituem o substrato de toda vida em sociedade, Lemos (1997) postula a ideia de cibersocialidade, demonstrando como a tecnologia contemporânea é um dos fatores mais importantes dessa socialidade atual. A técnica, colocada à parte na Modernidade, tornou-se agora um elemento fundamental na medida em que ambos aparecem intimamente imbricados: é a socialidade na técnica e a técnica na socialidade. Se a Modernidade insistiu numa racionalidade cujo fim era a assepsia social calcada na eliminação das imperfeições, os dias atuais não só comportam as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, como também as potencializam por meio das novas tecnologias. Nesse cenário, a articulação entre amizade e virtualidade, experimentada especialmente por meio dos sites de redes sociais, aparece como tendência irreversível da sociedade atual, o que implica mudanças drásticas nas formas de fazer laço e, consequentemente, de ser.

Falar em subjetividade humana e mudanças em posicionamentos subjetivos decorrentes das mutações sociais, entretanto, suscita a necessidade de delimitar de qual subjetividade se fala, visto ser um conceito que possui inúmeras leituras. Embora o estudo do ser humano em sua mais íntima particularidade e singularidade seja nomeadamente o objeto de estudo da Psicologia, tal subjetividade não é construída para si e por si à revelia do outro e do social. A concepção equivocada de uma subjetividade completamente individualizada está inteiramente ligada à raiz cartesiana que dominou o pensamento científico moderno. Sob o signo do sujeito reflexivo de René Descartes, o ato de pensar era a via possibilitadora da emergência e captação do ser, dicotomia entre corpo e mente que instigou, inevitavelmente, outras oposições.

A herança cartesiana científica concebeu o entendimento da subjetividade em oposição à objetividade, do singular em oposição ao social, do sujeito cognoscente em oposição ao objeto cognoscível, fato que influenciou na concepção teórica de inúmeros estudiosos e no posicionamento das áreas de conhecimento que trabalhavam de forma completamente estanque. Parpinelli e Fernandes (2011), ao debaterem dualidades, problematizaram a herança proveniente do nascimento da psicologia moderna, notadamente marcada pela cisão indivíduo-coletividade. Separação que culminou por formar duas psicologias: a “social psicológica” e a “social sociológica”, em que a primeira estaria fundamentada nas ciências naturais e a segunda nas ciências sociais.

A psicologia social psicológica, ao eleger o comportamento individual como fonte de todos os fenômenos, reduz o social ao indivíduo, esquecendo as relações sociais constitutivas da coletividade. De modo inverso, a psicologia social sociológica, ao conceber os fenômenos sociais pelo viés da coletividade, dilui os acontecimentos singulares, bem como reduz o indivíduo às relações sociais. (...) Ou o sujeito é fruto de determinantes sociais ou é produção de processos psicológicos internos. (PARPINELLI; FERNANDES, 2011, p. 196-197).

Freud, no mesmo compasso e na contramão da concepção cartesiana reinante mediante a clareza de que indivíduo e coletividade andam de mãos atadas, estende o postulado do inconsciente, instância que, aparentemente, remete àquilo que é de mais particular do sujeito, ao campo do social ao afirmar que “o conteúdo do inconsciente, na verdade, é, seja lá como for uma propriedade universal, coletiva, da humanidade (FREUD, [1939]/(1996), p. 156). Ele marca como o inconsciente se constitui no social e depende dele essencialmente. Ao perceber que o social e o individual se determinam mutuamente, Freud ainda afirma que a psicologia individual é também psicologia social.

É verdade que a psicologia individual relaciona-se como o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instituais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social (FREUD, [1921]/(1996), p. 81).

Pela descrição freudiana é possível afirmar que psicologia individual e social são duas faces da mesma moeda. Toda relação humana, independentemente se realizada de forma mais íntima e familiar ou se mais impessoal e extrafamiliar, são fenômenos sociais que se opõem aos processos preponderantemente narcisistas, pois implica a satisfação pulsional parcial ou totalmente retirada pelo contato com o outro. Ramirez (1999), da mesma maneira, tomando como referência os pressupostos do pai da psicanálise, aponta que a subjetividade congrega o outro como categoria constitutiva.

Freud, ocupado de pensar la frontera entre psicología individual y psicología social, postula que desde el psicoanálisis es inconcebible el sujeto aislado y reconoce la importancia del otro, del semejante para la constitución del ser humano. Otro como auxiliar, como modelo, como objeto o como enemigo. Esto es, que en el análisis histórico de un sujeto, es imposible pensarlo sin su medio social, sin los grupos en que participa; familia, escuela, ejército, correligionarios, pandilla, partido político, grupo literario o científico, etc. El psicoanálisis demuestra que la psicología individual es en el fondo psicología social y viceversa (RAMÍREZ, 1999, p. 347).

Assunção (2002; 2007), ao realizar um estudo crítico a respeito do termo subjetividade tomando como base o entendimento da questão na Filosofia, Antropologia, Sociologia, História, Psicologia e Psicanálise, representa a concepção que será adotada nesta pesquisa, a saber, o caráter interdisciplinar e psicossocial da subjetividade. Ao percorrer pelas fronteiras de tais áreas do conhecimento que têm como objeto de estudo o homem em seu processo de humanização, seja na perspectiva social, cultural, psíquica ou histórica, a autora aponta como uma visão estanque do conceito conduz, inevitavelmente, ao reducionismo, bem como afirma que a subjetividade é uma construção social, cultural e histórica, pois é o resultado de multidimensões que são engendradas cotidianamente. Trabalhar nas fronteiras do conhecimento amplia a probabilidade de entendimento do sujeito, pois “(...) as estruturas da psique humana, as estruturas da sociedade humana e as estruturas da história humana são indissociavelmente complementares, só podendo ser estudadas em conjunto. Elas não existem e se movem na realidade com o grau de isolamento presumido pelas pesquisas atuais” (ELIAS, 1994, p. 38).

Ferrari (2008), ao problematizar também a dicotomia entre singular e coletivo, aponta que, apesar da solidão ser um afeto inerente à constituição subjetiva de sujeitos neuróticos, perversos e psicóticos e que ela é vivenciada de forma própria a uma verdade que só diz respeito às pulsões do sujeito, levando-o a construções fantasísticas e sintomáticas singulares, é justamente este modo singular de funcionar de cada um que possibilita as mais variadas formas de estabelecimento de laços sociais que é amplamente verificada na realidade social. Nesta solidariedade entre o singular e o coletivo, seja em Freud, que partiu do aparelho psíquico para chegar ao grupo, ou em Lacan que, em movimento inverso, partiu da realidade social para pensar o singular na originalidade de suas realidades, a autora comenta que

A realidade social se inscreve na relação que se estabelece entre o sujeito e o Outro, onde, no lugar do Outro, situa-se a palavra, a linguagem, o discurso universal, a própria realidade social, cultural, institucional. Por isso, há um momento em que o inconsciente aparece como transindividual, ou seja, como discurso do Outro (FERRARI, 2008, p. 18).

Construída mediante a relação entre singularidades, a realidade social não se configura, entretanto, como uma soma de subjetividades. Ela aparece como um Outro que, apesar de abarcar o sujeito, o transcende. É nesta mesma direção que Bauman (2013) caminha ao falar sobre as amizades estabelecidas no Facebook. Nesta entrevista, o autor estabelece a diferença entre comunidade e rede, em que a primeira existe antes do sujeito, ao passo que a segunda o sujeito constrói por meio de dois mecanismos: conectar e desconectar. Assim, o sujeito nasce em uma comunidade que o precede e o transcende (Outro), mas constrói sua rede de contatos via presencialidade e/ou virtualidade de acordo com suas pulsões, fantasias e sintomas que lhe são próprios.

Assunção (2002; 2007), da mesma maneira, demonstra como o sujeito, em sua particularidade, apesar de pertencer a essa trama geral, não se confunde inteiramente com ela. A subjetividade consiste naquilo que existe de mais cultural e que convive com o que existe de mais particular no ser humano, visto que “não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia; e, reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação que funcione segundo seu perfil” (ROLNIK, 1997, p. 29). A subjetividade se constitui, desse modo, no constante movimento do ir e vir psíquico e sócio-histórico-cultural. Processo em contínua construção de significados, em que não há mais fronteiras entre o que é do sujeito e o que é do simbólico.

Destarte, manter dicotomias é trilhar caminho de insucesso, ainda mais se tratando de um “objeto” de estudo tão complexo como é o ser humano. É, portanto, na solidariedade entre social e individual, natural e cultural, sujeito e objeto, consciente e inconsciente, virtual e presencial que as realidades subjetiva e social são construídas e os sintomas consequentemente, pois estão intimamente relacionados ao contexto discursivo em que se encontram. E as mudanças psicossociais instauradas especialmente com o advento da internet e seu potencial fractalizador foram cruciais para a perda de força das antinomias e a compreensão da subjetividade não mais de forma completamente individualizada e estanque, mas como ponto de cruzamento entre as dimensões social e individual do sujeito, bem como das diversas disciplinas. Assim, considerar as mudanças instauradas com o desenvolvimento da ciência e, mais especificamente, com o advento da internet e seus inúmeros dispositivos tecnológicos, torna-se imprescindível para a compreensão humanística atual.

**Referências**

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009.

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. **A psicologia da educação e a construção da subjetividade feminina** (Minas Gerais – 1920-1960). 2002. 483 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. Subjetividade: um conceito entre as fronteiras do discurso científico. In: SILVA, Isabel de Oliveira e; VIEIRA, Martha Lourenço. **Memória, Subjetividade e Educação.** Belo Horizonte: Argumentum, 2007, p. 31-52.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. [**3 minutos com Bauman: as amizades do Facebook**](http://www.sppsic.org.br/blog/?p=862). [Sociedade Paulista de Psicanálise](http://www.sppsic.org.br/blog/?author=1). São Paulo, 2013.

BIRMAN, Joel. **Ma-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo.** Rio de Janeiro: NAU: FAPERJ, 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERRARI, Ilka Franco. A realidade social e os sujeitos solitários. **Agora**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, junho de 2008.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago v. 18 (1921), Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. 21 (1930), 1996.

FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo. In: Obras **Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 23 (1939), Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 2008.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LEITÃO, Carla Faria; NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos da internet sobre pacientes: a visão de psicoterapeutas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10, n. 3, p. 441-450,

set./dez. 2005.

LEMOS, André. Cibersocialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. **Logos**, UERJ - Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1997.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarolla: 2004.

LOUREIRO JUNIOR, William Paniccia. O discurso do rei e a amizade: uma perspectiva da esfera privada. **Revista Pandora Brasil**, n. 54, mai. 2013.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 165-174, mai/ago. 2004.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. **Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

NOBRE, Márcio Rimet. **Realidade virtual, realidade psíquica na pós-modernidade: um encontro com Freud na infinitude fantasística do ciberespaço**. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

PARPINELLI, Roberta Stubs; FERNANDES, Saulo Luders. Subjetivação e psicologia social:

dualidades em questão. **Fractal**, Revista de Psicologia,  Rio de Janeiro,  v. 23, n. 1, p. 191-

204,  abr.  2011.

PONTE, Cristina. Crescendo entre culturas digitais nas últimas décadas. In: LIMA, Nádia Laguárdia et al. (Orgs.). **Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares**. Belo Horizonte: Artesã, 2017, p. 33-45.

PRIMO, Alex. E se Aristóteles usasse o Facebook? Uma genealogia da amizade. **Rumores**, n.20, v.10, 2016.

RAMIREZ, Mario Elkin. **Psicoanálisis e historia de las mentalidades una posible aproximación.** Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura 26, 1999.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade.** Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e Subjetividade: saberes nômades**. São Paulo: Papirus, 1997, p. 25-34.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOLER, Colette. Clase del 10 de enero 2001. In: SOLER, Colette. **Declinaciones de la angustia, curso 2000-2001.** Barcelona: Publidisa, 2004, p. 61-78

SOARES, Samara Sousa Diniz Soares. As faces da amizade no Facebook: semblantes da sociabilidade contemporânea*.* 2018.(Dissertação mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2018.

1. Mestra em Psicologia pela PUC Minas. Parceira do grupo de pesquisa Além da Tela (UFMG) e pesquisadora do projeto de pesquisa Pais, filhos e a virtualidade: gerações e os usos das tecnologias de informação e comunicação (FAPEMIG). E-mail: samarasousadiniz@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Professora da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-graduação de Psicologia da PUC Minas, Psicóloga, doutora em Ciências Sociais pela UERJ, Pós-doutora em Educação pela UFMG, Mestre em Psicologia Social pela UFMG. Parceira do grupo de pesquisa Além da Tela (UFMG) e coordenadora do projeto de pesquisa Pais, filhos e a virtualidade: gerações e os usos das tecnologias de informação e comunicação (FAPEMIG). E-mail: marciastengel@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Apud Santaella (2003, p. 26). [↑](#footnote-ref-3)
4. https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/?ref=page\_internal [↑](#footnote-ref-4)